

Fazer a guerra na Europa de hoje

**"Waging Modern War: Bosnia, Kosovo, and the Future of Combat",
Wesley K. Clark,
Nova Iorque, Public Affairs, 2001.**

Difícilmente as memórias do general norte-americano a quem, enquanto SACEUR (Supreme Allied Comander Europe), coube comandar as operações da NATO no Kosovo, seriam mais consensuais do que o conflito que ele descreve. No entanto, talvez não se esperasse que tanta da controvérsia em torno do livro dissesse respeito não ao que o general tem a dizer relativamente aos sérvios, mas sim, ao que afirma sobre a forma como a campanha foi conduzida pelo Ocidente, e em particular pelos EUA.

Há dois aspectos no texto do general Clark que merecem especial consideração. O primeiro consiste na contestação por Clark do papel dos decisores políticos e militares norte-americanos em toda a campanha (sobretudo do Secretário da Defesa, Cohen, e do CEMGFA, Rushmore). Quanto ao segundo, resulta da afirmação de que a campanha do Kosovo representou uma vitória tangente que, longe de confirmar o optimismo reinante quanto à capacidade dos EUA e da NATO em conter estratégias de genocídio, mostrou que só as conseguem contrariar *a posteriori* (ou seja, depois de muito do mal ter sido feito), e que mesmo isso não é fácil.

O mais surpreendente, quanto ao primeiro ponto, é o facto de Clark afirmar peremptoriamente, ao contrário do que tinha vindo a lume frequentemente, que foram os norte-americanos (a par dos franceses), e não a grande maioria dos europeus, quem mais se opôs a uma campanha aérea suficientemente ampla para forçar a mão de Milosevic o mais cedo possível.

Choveram críticas ao livro do general Clark, por se ver aí uma manifestação da tradicional resistência dos militares de alta patente a deixarem-se comandar. Seria aos políticos que cabia conduzir a guerra, de acordo com a máxima atribuída a Clemenceau: "A guerra é um assunto demasiado importante para ser confiado aos militares" (e que recentemente causou alguma agitação em Portugal...). Ora, o que o general norte-americano escreve não se presta a uma tal crítica. Do que Clark se queixa não é de que os políticos não o deixaram conduzir a guerra sozinho, mas sim de que não tomaram decisões estratégicas claras, que lhe dariam as orientações gerais de que necessitava para conduzir a campanha. Em vez disso, preocuparam-se em descer aos pormenores tácticos operacionais, com vista a evitar custos em termos de relações públicas, e sem terem em consideração a lógica militar na tomada dessas decisões. Ou seja, aquilo de que o antigo comandante da NATO na Europa se queixa é que os políticos decidiram o que não deviam, e não tomaram decisões a respeito do que deviam.

Quanto ao segundo ponto, Clark defende que a recusa em empregar forças terrestres (de novo, sobretudo da parte dos EUA, que, na verdade, seriam o país que teria de acarretar com o grosso do esforço militar e das baixas numa campanha terrestre), e a micro-gestão táctica da guerra aérea no sentido de a conter, quase impediu o triunfo das forças da NATO. Argumenta, por isso, que o tipo de campanha realizada contra a Sérvia só poderá resultar no futuro se se usar a aviação de maneira determinada no sentido de se destruir de forma fulminante as

infra-estruturas do adversário, e se este for minimamente vulnerável à pressão da opinião pública interna. Caso contrário, não restará outra solução senão o recurso a uma campanha terrestre.

Como curiosidade, registre-se que nesta «linha dura» Clark encontrou aliados em Solana, Blair, e na «dama de ferro» da diplomacia norte-americana, Madeleine Albright. É evidente, aliás, a importância da diplomacia norte-americana no desfecho do caso, ao obter o afastamento da Rússia face a Milosevic.

Quanto a Clinton, e ao contrário de Bush *senior* durante a Guerra do Golfo, ele surge como uma figura distante, preocupada sobretudo em proteger a sua popularidade interna. Enfim, esta é, sem dúvida, uma obra subjectiva (seria bom dispor de relatos tão pormenorizados dos responsáveis visados por Clark), mas que importa ler e analisar atentamente.